

JOURNAL OF
DEMOCRACY
EM PORTUGUÊS

Volume 3, Número 2, Outubro de 2014

Monarquias parlamentares democráticas

Alfred Stepan, Juan J. Linz e Juli F. Minoves

**Direitos dos homossexuais:
Por que a democracia importa**

Omar G. Encarnación

**O flerte dos nacionalistas russos
com a democracia**

Pål Kolstø

Dossiê Ucrânia

A casa que Yanukovych construiu

Serhiy Kudelia

Sociedade civil e democratização

Lucan Way

**PLATAFORMA
DEMOCRÁTICA**



FUNDAÇÃO IFHC | CENTRO EDELSTEIN

CONSELHO EDITORIAL

Bernardo Sorj
Sergio Fausto
Diego Abente Brun
Mirian Kornblith

CONSELHO ACESSOR

Fernando Henrique Cardoso
Larry Diamond
Marc F. Plattner
Simon Schwartzman

TRADUÇÃO

Fabio Storino

REVISÃO TÉCNICA

Sergio Fausto (coord.)
Isadora Carvalho

Apresentação

Esta edição do *Journal of Democracy* em Português traz uma novidade em relação às anteriores: a inclusão de um artigo sobre a luta dos homossexuais pelo reconhecimento pleno de seus direitos, inclusive o de se casar com pessoa do mesmo sexo. Esse é um tema em geral ausente das publicações sobre democracia e relações internacionais, o que contrasta com o crescente protagonismo assumido por movimentos LGBTs em vários países. Em seu texto, Omar G. Encarnación recupera a história e o passado recente da luta dos homossexuais nos Estados Unidos, na Europa e, para surpresa de muitos, na América Latina, o Brasil inclusive. As conquistas obtidas deram lugar à reação de setores mais conservadores, alguns abertamente homofóbicos. Mais contida e restrita em países ocidentais, mostra Encarnación, a reação é virulenta em países da África, do Oriente Médio e na Rússia, em geral liderada pelos próprios governos nacionais. Constatado esse contraste entre países não autoritários e países autoritários, o autor explora as razões pelas quais a democracia e os direitos dos homossexuais andam de mãos dadas. Conclui-se tratar de um casamento não isento de tensões, mas no qual os dois cônjuges se reforçam mutuamente: a democracia propiciando as condições para o desenvolvimento das lutas pelos direitos dos homossexuais e estas aprofundando a democracia pela ampliação do alcance dos direitos humanos.

Aparentemente mais sisudo, o artigo sobre como regimes monárquicos podem ou não se tornar democráticos não é menos atual. Escrito por três cientistas políticos, entre eles dois de grande renome, Alfred Stepan e Juan Linz, o artigo avalia algumas monarquias árabes atuais a partir da experiência histórica europeia (sete dos dezesseis países democráticos da Europa com mais de um milhão de habitantes são monarquias). A análise da experiência europeia lhes serve para

identificar cinco fatores que impulsionam ou impedem a passagem de uma monarquia absolutista para uma monarquia constitucional e desta para uma monarquia democrática. Das monarquias árabes atuais, as do Golfo surgem como as menos propensas à democratização. Já o Marrocos “diferentemente da Arábia Saudita, (tem) eleições, partidos e parlamento (...) significativos (...) e uma família real (...) pequena e não (...) especialmente poderosa”. Apesar disso, reconhecem os autores, também no Marrocos frustram-se até agora as maiores esperanças da “primavera árabe”.

Segue esta edição com um par de artigos sobre processos e atores políticos na Ucrânia e outro sobre a política na Rússia, temas e países cada vez mais entrelaçados. Ucrainiano de origem, o cientista político Sierhiy Kudelia dissecou o regime de Yanukovitch, analisa a sua queda em fevereiro deste ano e avalia as condições para a consolidação da democracia naquele país. Sua conclusão é de que a Ucrânia já não se amolda mais a um governo autoritário, o que “não significa que uma nova tentativa de construir um sistema democrático duradouro será bem sucedida”. Por sua vez, o também cientista político Lucan Way põe em foco o papel da sociedade civil ucraniana na deposição de Yanukovitch e discute as possíveis contribuições de organizações não governamentais à democratização do país. Way coloca em xeque a ideia de que o ex-presidente tenha sido deposto pela força da sociedade civil ucraniana. Analisando os protestos e a disputa de poder que resultou na mudança de regime na Ucrânia, ele enxerga mais debilidade do que fraqueza na sociedade civil. Faltaria àquele país uma rede de organizações capaz de fazer a diferença na institucionalização democrática do novo regime. Já os grupos mais bem organizados, mobilizados na onda de protestos que varreu o país, gravitam em torno de identidades regionais e políticas excluídas, não raro marcadas pela intolerância. Assim como Kudelia, Way vê mais pontos escuros do que claros no horizonte da democracia na Ucrânia.

O texto que completa o núcleo de artigos desta edição examina o panorama político na Rússia a partir de um ângulo surpreendente. Pal Kolsto, da Universidade de Oslo, identifica a crescente intercessão entre duas vertentes até aqui separadas na política russa: o liberalismo-democrático e o nacionalismo. Nas suas palavras, “não apenas há partes da oposição russa pró-Occidente, liberal e democrática, se aproximando de posições nacionalistas, como muitos nacionalistas russos estão agora preparados para abraçar valores e princípios democráticos, levando a novas constelações políticas”. Sintomaticamente, o título de seu artigo é “O flerte dos nacionalistas russos com a democracia”. Ou seja, se trata de um fenômeno que ainda está em suas etapas preliminares. Se o flerte se tornar namoro firme, o nacionalismo autocrático de Vladimir Putin conhecerá um novo e perigoso adversário. Dadas as posições e pretensões geopolíticas do Kremlin, o tema interessa não apenas àquele país, mas ao mundo em geral e aos vizinhos da Rússia em particular, em especial os antigos membros da União Soviética.

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

Diretores de Plataforma Democrática

O flerte dos nacionalistas russos com a democracia*

Pål Kolstø

Pål Kolstø é professor de Estudos da Rússia e Leste Europeu da Universidade de Oslo e tem escrito extensivamente sobre construção de Estados e questões étnicas na Rússia e no Leste Europeu.

Os anos 1990 foram tumultuados tanto no campo político como econômico, e puseram completamente em descrédito a noção de democracia aos olhos de muitos russos, que passou a ser associada às degradantes condições de vida causadas por problemáticas reformas de mercado implementadas sob o governo do presidente Boris Iéltsin (1991-99), de tal forma que muitos russos pronunciavam sarcasticamente a palavra democracia, *demokratiia*, como *dermokratiia*, ou “governo de merda”. Causa, portanto, certa surpresa encontrar avaliações positivas da democracia no discurso político russo recente, sobretudo de um grupo inesperado de pessoas: os nacionalistas assumidos. O Partido Nacional-Democrático (NDP, na sigla em russo), um partido sem registro, alega que nacionalismo e democracia são dois lados de uma mesma moeda. Outros atores políticos também combinam ideias democráticas e nacionalistas — em especial, Alexei Navalny que, contrariando todas as expectativas, conquistou 27% dos votos na eleição de 2013 para prefeito de Moscou. Navalny, que se consolidou como líder indiscutível de oposição ao regime, vem do campo liberal, mas adotou parte da retórica nacionalista — em particular, a necessidade

*Publicado originalmente como “Russia’s Nationalists Flirt with Democracy”, *Journal of Democracy*, Volume 25, Número 3, Julho de 2014 © 2014 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press

de defender o país de uma suposta enxurrada de imigrantes vindos da Ásia Central e do Cáucaso.

Navalny iniciou sua carreira política no partido liberal de oposição Iabloko, mas foi expulso em 2007 por sua guinada nacionalista. Sua habilidade de se posicionar tanto como um nacionalista quanto como um democrata é uma das principais razões de seu sucesso eleitoral (juntamente com suas campanhas de grande visibilidade contra a corrupção e habilidade no uso da Internet). No entanto, Navalny não é o único liberal da oposição russa que se aproximou dos nacionalistas. Ele é parte de uma corrente mais ampla que vem ganhando força há algum tempo.

A nova “nacional-democracia” é uma confluência de duas correntes — os nacional-liberais (*natsliby*) e os nacional-democratas (*natsdemy*). Não apenas há partes da oposição russa pró-Occidente, liberal e democrática se aproximando de posições nacionalistas, como muitos nacionalistas russos estão agora preparados para abraçar valores e princípios democráticos, levando a novas constelações políticas. Isso tem provocado certa reflexão interna entre as forças de oposição a Putin e pró-Occidente: teriam eles falhado até então por terem abandonado a agenda nacionalista, permitindo que ela fosse explorada por Vladimir Putin, por um lado, e por nacionalistas de direita, de outro? A questão democrática também gerou uma cisão entre os nacionalistas dispostos a cooperar com os liberais-democratas e adotar parte de suas ideias e os nacionalistas menos dispostos. Atualmente, o primeiro grupo está na liderança.

Essas mudanças estão ligadas a um novo entendimento do Estado. Nacionalistas russos de épocas anteriores eram frequentemente chamados de *derjavniki*, ou “estatistas”. Os estatistas tinham orgulho do fato de a Rússia ter sido, por séculos, o maior Estado do mundo e de a União Soviética ter sido uma das duas superpotências da Guerra Fria. Em vez enxergar a heterogeneidade étnica da URSS como um

problema, estatistas louvavam seu caráter multinacional. Obviamente, a União Soviética acabou na “lixeira da história”, e o Estado no qual vivem hoje os russos é drasticamente diferente. Embora ainda seja imenso em tamanho, sua composição étnica e cultural é sensivelmente mais homogênea. Enquanto as pessoas de etnia russa constituíam quase metade da população da URSS, alcançaram a marca dos 80% na Federação Russa. Essa é uma população mais homogênea do que muitos Estados-nações europeus, apontam os novos nacionalistas russos, e, portanto, não há razão pela qual a Rússia não poderia se tornar um Estado-nação “como qualquer outro”, caso ela resolvesse adotar a democracia. Enquanto grupo étnico mais numeroso, os russos não têm nada a perder, e tudo a ganhar, com a introdução de um sistema político genuinamente democrático, inexistente sob Putin.

Foi a dissolução da URSS que tornou possível redefinir a Rússia como um Estado-nação homogêneo. Nacionalistas agora temem, entretanto, que à medida que cidadãos soviéticos da Ásia Central e do sul do Cáucaso se mudem para a Rússia em massa, o caráter etnicamente russo do país seja diluído. De acordo com pesquisas de opinião, sentimentos anti-imigração e atitudes xenófobas estão difundidos na Rússia, indicando que grande parte da população compartilha os temores dos nacionalistas. O principal motor por trás do novo impulso para o Estado-nação e a democracia nacional na Rússia é, portanto, o desejo de “manter os estrangeiros distantes”. Especificamente, os nacionalistas insistem que a Rússia precisa introduzir exigências de visto para todos os cidadãos da Ásia Central e Azerbaijão.

Defender medidas como restrições de visto para imigrantes de certos países não é inerentemente não democrático; todos os Estados dispõem de regulamentações de entrada no país para cidadãos de outros países. Ao focar fortemente nesse tema, nacionalistas russos parecem ter encontrado uma fórmula que apela a um amplo eleitorado xenófobo, ao mesmo tempo em que mantém intactas suas credenciais democráticas. Mas os sentimentos xenófobos por trás da campanha

anti-imigração frequentemente descambam para uma rejeição geral a culturas e religiões “estrangeiras”, em particular o Islã, e para uma hostilidade explícita em relação a cidadãos muçulmanos da Federação Russa das repúblicas ao norte do Cáucaso. Os mais sofisticados entre os novos nacional-democratas conseguem combinar suas demandas nacionalistas pelo Estado russo com um compromisso crível com a democracia; outros executam esse exercício de equilíbrio de maneira menos elegante.¹

Tomando como base entrevistas com “novos” nacionalistas russos, realizadas em Moscou em outubro e novembro de 2013, esse artigo investiga o panorama mais amplo dentro do qual surgiu “o fenômeno Navalny”, e avalia sua coerência interna e possíveis inconsistências. Defendo que a nova aliança nacional-democrata é parcialmente tática e situacional: os massivos protestos em Moscou e em outros lugares contra as eleições parlamentares fraudulentas de dezembro de 2011 evidenciaram a vulnerabilidade do regime de Putin. Ele poderia ser abalado se as várias facções de oposição deixassem de lado suas diferenças e juntassem forças. Ao mesmo tempo, essa nova aliança também foi facilitada por um pensamento ideológico genuinamente novo no campo nacionalista e uma disposição a aceitar alguns princípios fundamentais das regras democráticas.

Qual é a relação entre os elementos étnicos e democráticos no pensamento nacional-democrata russo? Uma oportunidade inesperada para avaliar essa relação se apresentou com a crise na Crimeia em fevereiro e março de 2014. A anexação pela Rússia dessa região da Ucrânia podia ser justificada em termos étnicos, culturais e históricos, mas dificilmente por referências a princípios e procedimentos democráticos (embora isso também tenha sido tentado). A reação dos *natsdemy* e dos *natsliby* a esse evento poderia servir como um indicativo de seu compromisso com a democracia.

Da rejeição à aceitação

Na União Soviética, a dissidência política anticomunista vinha tanto de democratas quanto de nacionalistas, embora eles geralmente não estivessem de acordo e suas tentativas de aproximação sempre fossem frustradas. Democratas russos do movimento dissidente da era de estagnação de Brejnev prestavam pouca atenção à questão nacionalista, enquanto nacionalistas russos não viam razão para juntar forças nem com os ativistas liberais de direitos humanos nem com os movimentos nacionalistas em outras repúblicas. Enquanto nacionalistas dissidentes não russos queriam separação da URSS, nacionalistas russos viam a União Soviética inteira como sua pátria, una e indivisível.

Os próprios dissidentes nacionalistas russos eram um grupo diverso, abarcando desde adeptos do chauvinismo grão-russo e neofascistas até nacionalistas culturais preocupados com o patriarcado de Moscou e a preservação de vilarejos russos decadentes. O que todos tinham em comum era seu profundo ceticismo em relação ao estilo ocidental de democracia. O ensaio “A Word to the Nation” [Uma palavra à nação], de autoria anônima, que apareceu em *samizdat** no começo dos anos 1970, era uma declaração de linha dura, explicitamente racista e agressivamente contra o Ocidente.² Embora não se encontrasse tal condenação cabal da democracia entre os nacionalistas culturais russos, até mesmo eles viam a ideia de democracia com certa suspeita. Ainda que Aleksandr Soljenitsyn não tenha censurado abertamente a democracia por completo, tampouco a apoiava. Em seu discurso de colação de grau na Universidade Harvard, em 1978, Soljenitsyn lamentou que no Ocidente “a defesa de direitos individuais [havia] alcançado tal extremo a ponto de tornar a sociedade como um todo indefesa contra certos indivíduos”. Ele elaborou mais sobre o assunto na revista *Foreign Affairs* dois anos mais tarde. “Não consigo considerar uma

* Nos tempos da União Soviética, prática de cópia e distribuição clandestina de materiais impressos, para evitar a censura. [N. T.]

das virtudes da democracia sua impotência diante de pequenos grupos de terroristas [...] ou o apoio à especulação desenfreada à custa da moralidade pública”.³

Sob a *perestroika*, a reestruturação política e econômica implementada pelo premiê soviético Mikhail Gorbachev (1985-91), a democracia tornou-se palavra de ordem em Moscou. Um elemento crucial no programa político de Gorbachev era o que ele chamava de *demokratizatsiia*, que reconhecia que o sistema soviético, apesar de toda sua retórica, não era democrático. Embora as reformas de Gorbachev tenham sido posteriormente desacreditadas, por algum tempo o ideal da democracia permanecera intacto. A crescente e poderosa oposição, que apoiava Boris Iéltsin, assumiu o sistema político do Ocidente como modelo e, em março de 1990, a pouco organizada aliança Rússia Democrática saiu vitoriosa das eleições para o Parlamento russo.

Entretanto, logo as fissuras apareceram no fronte democrático, e vários partidos menores na Rússia Democrática desertaram para o campo nacionalista — ou “bloco de patriotas”, como preferiam ser chamados. Essa autodesignação era apropriada. Os “patriotas” antirreformistas não eram nacionalistas no sentido étnico: na verdade, opunham-se à crescente mobilização nacionalista nas repúblicas não russas, com seus tons crescentemente separatistas. Fossem comunistas ou czaristas, todos os patriotas russos concordavam que a URSS — sua pátria — tinha que permanecer intacta, levando a maioria deles a apoiar o fracassado golpe contra Gorbachev em agosto de 1991.

No início da era Iéltsin, a patriótica Frente de Salvação Nacional se consolidou como uma alternativa real aos democratas no poder. Os patrióticos se beneficiaram das reformas de Iéltsin orientadas ao mercado, que devastaram o orçamento da típica família russa. Aos olhos de muitos, o colapso econômico estava diretamente ligado ao novo sistema político “democrático” e o impasse entre Iéltsin e o parlamen-

to — que culminou com tropas leais ao presidente invadindo a sede presidencial do governo russo em outubro de 1993 e matando centenas de pessoas — parecia servir de prova da completa falência da própria democracia.

Ao longo dos anos 1990, e durante os primeiros anos da era Putin, a maior parte dos “nacionalistas” continuou a aderir ao programa “patriótico” ou “estatista”. A União Soviética havia desaparecido, mas a nostalgia em relação ao império perdido permanecia forte. Um novo quadro para o pensamento neoimperialista emergiu no “euroasianismo”, uma ideologia abraçada inicialmente por emigrantes russos no início dos anos 1920.⁴ Os novos eurasiaticistas enfatizavam as similaridades culturais entre Rússia e Ásia e insistiam que a Rússia rejeitasse o Ocidente e os valores ocidentais, tais como a democracia, e se voltasse ao Oriente.

A democracia e o novo etnonacionalismo

Somente quando os nacionalistas russos por fim abandonaram a esperança de restauração da antiga União Soviética e aceitaram a Federação Russa como a expressão política de sua nação é que começaram a considerar a democracia — no sentido ocidental — como um modelo. Essa mudança estava ligada a um novo entendimento de nação, no qual o etnonacionalismo substituíu o patriotismo estatista. Na URSS, o conceito de “nação” havia sido étnico e cultural.⁵ A nacionalidade de cada cidadão soviético era registrada em seu passaporte num campo diferente da cidadania. A URSS era, portanto, definida como um Estado multinacional, no qual cidadania e nacionalidade não coincidiam. A identidade da União Soviética como um todo estava baseada numa cidadania supraétnica, enquanto a identidade de cada república da União refletia a nacionalidade de seu principal grupo étnico, a “nação titular”. A única exceção era a República Socialista Federativa Soviética da Rússia (RSFSR), que não era etnicamente definida, mas era em si uma federação multinacional. Embora a nacionalidade étni-

ca russa também estivesse registrada nos passaportes, a maioria dos russos dava muito menos importância à identidade étnica do que os não russos. Para os russos de maneira geral, e nacionalistas russos em particular, a cidadania era mais importante do que a etnia. Eles viam a URSS, e não a RSFSR, como sua pátria.

Com a dissolução da União Soviética, muitos não russos sentiram que haviam ganhado uma pátria. Muitos russos, no entanto, sentiram que haviam perdido a sua — o que explica a força de sentimentos revanchistas à época. Gradualmente, entretanto, os russos se adaptaram a suas novas realidades, e o apoio à restauração da URSS diminuiu. Os nacionalistas passaram a enxergar a RSFSR, que se tornou a Federação Russa no dia 25 de dezembro de 1991, como um potencial Estado-nação como os europeus, em vez de um mero remanescente da União Soviética.

Poder-se-ia argumentar que foi isso que aconteceu. Certos políticos e acadêmicos russos — em especial, Valery Tishkov, diretor do Instituto de Etnografia e Antropologia — afirmaram que a Rússia agora *era* um Estado-nação.⁶ Nacionalistas, entretanto, reclamavam que faltava a esse conceito de nação um componente étnico. O campo de nacionalidade (ou seja, de etnia) nos passaportes russos se tornou opcional, enquanto a designação oficial do Estado permaneceu “multinacional”. Justamente no momento em que os não russos conquistaram seus Estados nacionais, afirmaram os etnonacionalistas russos, os russos foram novamente privados do seu; primeiro perderam a URSS, e agora a Rússia tampouco era o “seu” Estado.

Não é imediatamente claro por que esses sentimentos podem ter servido de impulso para a introdução do pensamento democrático no nacionalismo russo. Poder-se-ia esperar que isso levasse a algum tipo de ideologia etnocrática, que foi o que inicialmente aconteceu. Foi Aleksandr Sevastianov que introduziu pela primeira vez o termo “nacional-democracia” ao vocabulário nacionalista russo. *Nat-*

sional-Demokratiia [Nacional-democracia], livro de Sevastianov de 1996, detalhava um modelo de democracia que tinha pouco em comum com o entendimento padrão ocidental.⁷ Para Sevastianov, a nacional-democracia significa “democracia limitada pelo critério nacional”.⁸ A “nação” é definida etnicamente, e a nacional-democracia é uma democracia para e dentro de um grupo étnico somente. Embora russos componham a maioria na Federação Russa, esse modelo remete à “democracia” vivida pela minoria branca na África do Sul sob o *apartheid*. A maioria dos defensores da nacional-democracia na Rússia atual, entretanto, toma o estilo ocidental de democracia como seu ideal, e insiste que o modelo que se deseja introduzir é aquele do Estado-nação da Europa Ocidental. Em contraste com a ideologia eurasiânica, que rejeita a democracia *por ser* um conceito ocidental, os nacional-democratas abraçam-na precisamente por essa razão.

O compêndio do pensamento dos nacional-democratas russos contemporâneos que se segue está baseado em minhas entrevistas de outubro e novembro de 2013 com os líderes de dois partidos *natsdem* — Valery Solovei, do Novo Poder (NS, na sigla em russo), e Vladimir Tor, Konstantin Krylov e Sergei Sergeev do NDP — bem como Vladimir Milov e Sergei Javoronkov do partido Escolha Democrática (DV, na sigla em russo). Embora o DV se considere um partido liberal em vez de nacionalista, seu pensamento espelha em grande medida o de nacionalistas, e mostra o quão profundamente as perspectivas nacionalistas penetraram o campo liberal.⁹ Também me baseei em artigos do principal periódico *natsdem*, *Voprosi Natsionalizma* [Questões de nacionalismo] e livros de autoria de nacional-democratas russos.¹⁰

De acordo com Valery Solovei, do NS, “liberdade, democracia e justiça [são] a essência do Estado nacional, nacional no sentido europeu, com o qual sonham os nacionalistas sensatos na Rússia”. Se quiserem conquistar cargos por meio de eleições, então eles “precisam parar de ser *apenas* nacionalistas; em vez disso, devem se tornar (em primeiro lugar!) democratas e defensores do Estado social”. O pensamento de

Solovei é, ao mesmo tempo, baseado em princípios e pragmático: o estilo ocidental de democracia é não apenas desejável por suas qualidades intrínsecas, como também pode ajudar a levar os nacionalistas ao poder.

Os russos constituem a vasta maioria da população da Rússia e, de acordo com Konstantin Krylov do NDP, em todas as sociedades as pessoas tendem a votar para o partido que melhor representa seus interesses. Ainda assim, apoiar a democracia não é uma questão de escolher de maneira oportunista um sistema que envies os resultados em favor dos nacionalistas. Krylov argumenta que o nacionalismo e a democracia se pressupõem mutuamente, o que é confirmado pela história europeia. A primeira onda de nacionalismo europeu do século XIX era claramente um movimento de liberação democrática, alega Krylov, e, portanto, os nacionalistas seriam os únicos verdadeiramente democráticos da Rússia atual.

Sergei Sergeev, também do NDP, defende a democracia como o melhor sistema, também baseado tanto em pragmatismo quanto em princípios:

Primeiro, a democracia é hoje o único meio pelo qual é possível legitimar qualquer tipo de regime político. [...] Segundo, [...] [a globalização] trabalha em favor de uma oligarquia transnacional antitradicional global. Consequentemente, tradicionalistas não deveriam estar interessados em colocar em risco [mas em] fortalecer as instituições democráticas. Terceiro, quantos monarquistas ou comunistas na Rússia estão [...] dispostos a renunciar ao nível de liberdade do qual desfrutam hoje? Será que eles querem mesmo retornar a 1565 [e o governo de Ivan, o Terrível] ou a 1937 [e o Grande Expurgo de Stálin]? E, quarto, na Rússia atual [...] o nacional e o democrático basicamente coincidem.

Sergeev acredita que a introdução de um Estado-nação democrático na Rússia resultará na transformação gradual dos russos de sujeitos para cidadãos.

Os *natsdemy* russos encontram confirmação para sua crença em uma forte ligação entre democracia e nacionalismo em alguns pensadores ocidentais clássicos e modernos. Os *natsdemy* observam que grandes teóricos da democracia, como Max Weber, também eram profundamente nacionalistas, e que tanto John Stuart Mill quanto Robert Dahl acreditavam que a democracia funcionava melhor em Estados monoculturais do que em multinacionais. Citam a afirmação de Michael Billig de que o nacionalismo permeia o dia a dia de democracias consolidadas, e a refutação por Bernard Yack da outrora popular teoria do nacionalismo “cívico”.¹¹

Os *natsdemy* caracterizam como artificial qualquer tentativa de se introduzir uma distinção entre um “Estado-nação” (politicamente definido) e um “Estado nacional” (cultural, étnico). “Apesar dos falsos estereótipos que nos são empurrados, a democracia liberal está longe de ser não nacional; ao contrário, é profundamente nacionalista”, alega Sergeev. “Todos os Estados-nações modernos [...] possuem um núcleo étnico. [...] Noruega, Itália e Irlanda, e por aí vai”, afirma Vladimir Tor. “Russos não são marcianos, com necessidades diferentes das de outros povos”.

De fato, argumentam os *natsdemy*, o fato de que a Rússia também é lar de milhões de não russos, muitos dos quais praticam outras religiões que não a ortodoxa russa, não é razão para negar aos russos seu próprio Estado-nação. O mesmo se passa na maioria dos Estados-nações. De acordo com Krylov, os *natsdemy* buscam introduzir um regime político que trará a democracia não apenas para a maioria (como no conceito de Sevastianov), mas para todos. “Não é necessário introduzir nenhuma distinção étnica na população. Pelo contrário, acreditamos que todos os cidadãos devam ter direitos iguais; isso será mais do que suficiente.” Krylov também defende dar a todos os grupos não russos do país os mesmos direitos culturais encontrados tanto em documentos da União Europeia a respeito de minorias étnicas quanto na Convenção-Quadro para a Proteção das Minorias Nacionais

do Conselho da Europa. Os *natsdemy* são bem mais relutantes em ampliar os direitos territoriais e políticos dos quais gozam as minorias na Federação Russa atualmente. Alguns *natsdemy*, entretanto, estariam dispostos a conceder a cidadãos de cada república étnica o direito de decidir se o status político especial daquela república deveria ser abolido. Nesse caso, os *natsdemy* estimam que apenas aquelas repúblicas de maioria não russa seriam mantidas uma vez que, de acordo com sua visão, a maioria das pessoas votariam de maneira etnonacionalista.

Embora os *natsdemy* insistam que não há contradição entre um entendimento etnocultural e um cívico-político de democracia, reconhecem haver certa disparidade entre o *ethnos* e o *demos* mesmo em Estados-nações. Alguns membros da nação étnica não são membros da nação política, e vice-versa. Líderes de Estados-nações podem reduzir essa disparidade de duas formas: (1) por meio de uma política de assimilação (voluntária) de minorias à nação titular, e (2) ao encorajar o retorno do exterior de membros da mesma etnia. A diáspora russa que vive em antigas repúblicas soviéticas é vista como parte da nação russa. Isso faz dos russos “a maior nação dividida do mundo”, de acordo com Vladimir Tor — uma situação intolerável que deveria ser corrigida. De acordo com a visão dos *natsdemy*, o Estado russo tem a responsabilidade de proteger os etnicamente russos, onde quer que eles estejam. Eles também deveriam ter o direito de se mudar para a Rússia. Portanto, espera-se do Estado russo que persiga uma política não étnica em relação a seus próprios cidadãos, ao mesmo tempo em que use um critério étnico para determinar a quem, entre os cidadãos de Estados vizinhos, deveria ser permitido imigrar.

De maneira ainda mais controversa, alguns etnonacionalistas russos permitiriam que russos que vivem em pequenos assentamentos fora da Rússia realizassem referendos sobre a unificação de seu território com a Rússia. Vladimir Tor alega, de maneira pouco honesta, que a reunificação alemã em 1990 aconteceu por meio de processo

similar, no qual os estados da Alemanha Oriental realizaram referendos sobre a união com a Alemanha Ocidental, e foram aceitos como novos estados-membros com base nisso. O paralelo entre o proposto referendo da diáspora russa e a situação das duas Alemanhas após a queda do Muro de Berlim, entretanto, está longe de ser perfeito. Além disso, a maioria dos etnonacionalistas russos estariam extremamente relutantes em permitir que residentes de repúblicas de etnia majoritariamente russa similarmente votassem para se separar da Rússia, embora pareçam haver atitudes a esse respeito em curso.

Mais e mais nacionalistas russos agora questionam a decisão de manter o norte do Cáucaso como parte da Federação Russa. Algumas repúblicas do Cáucaso — Daguestão, por exemplo — são viveiros de terrorismo. Outras, como a Chechênia, são um dreno no tesouro russo. Além do mais, alegam os nacionalistas, as gangues criminosas chechenas, que frequentemente possuem ligações com o governo checheno, operam livremente em Moscou e em outras cidades russas. Como resultado, alguns nacionalistas veem a Chechênia, ou mesmo todo o norte do Cáucaso, como uma úlcera no sistema político russo, que precisa ser expurgada.

Os *natsdemy* acreditam que a separação do Cáucaso deveria resultar não de referendos locais, mas de decisões feitas em Moscou baseadas nos interesses da população russa (e não da caucasiana). Tal separação territorial, explica Tor, deveria ser acompanhada de uma deportação em massa de norte-caucasianos da Rússia para suas pátrias de origem, e do isolamento do sul da Rússia de toda a região por meio de grandes muros erguidos na fronteira. Tor reconhece que tal deportação seria custosa em termos de gastos financeiros para o Estado russo (o custo humano não parece ser preocupação). O governo russo deveria, portanto, calcular a solução menos custosa — separar e isolar o norte do Cáucaso ou continuar convivendo com o terrorismo e crimes étnicos com origem na região.

Os liberais nacionalistas

O que faz da nacional-democracia uma força importante de ser considerada na política russa é o fato de ela se confrontar com um movimento similar vindo da direção contrária — liberais que abraçam partes significativas da agenda nacionalista. Esse movimento nacional-liberal (*natslib*) está associado em particular a dois nomes, o líder da Escolha Democrática, Vladimir Milov, e o líder da Aliança Popular, Alexei Navalny.

Milov lamenta o fato de que importantes líderes da oposição liberal temam o uso da palavra “russo” (*russkii*) e fujam de questões nacionais como “o diabo da cruz”. “Não é de se espantar, portanto, que uma parte significativa da população veja a oposição liberal-democrata como *antirrussos*”. O nacionalismo, argumenta Milov, não é apenas uma força destrutiva. Existe um nacionalismo positivo, como foi o caso das revoluções do Leste Europeu, e os liberais deveriam se esforçar para garantir que uma versão civilizada e construtiva do nacionalismo triunfe na Rússia.

Milov observa com satisfação que o slogan “Fora Europa — nós somos da Eurásia” foi substituído no discurso nacionalista russo por “Pare de alimentar o Cáucaso — nós somos da Europa”. Como os *natsdemy*, Milov vê “o Cáucaso, onde nenhuma lei funciona, [como] uma ameaça real ao futuro da Rússia como um país europeu”. Na visão de Milov, “o que o Kremlin mais teme, acima de tudo, é uma situação onde democratas moderados e nacionalistas moderados cooperem sobre questões importantes e urgentes como a questão do Cáucaso”.¹²

Alexei Navalny é o político *natslib* mais conhecido atualmente. Em 2007, ele e outros ativistas nacionalistas fundaram a organização NAROD (Movimento Nacional de Libertação Russa), que visava tanto à democratização quanto a promoção de valores nacionais (nacionalistas).

[Na Rússia,] todos os atributos básicos da democracia — divisão de poderes, eleições livres, estrutura de Estado federal, autogoverno

local, judiciário independente —, para todos os efeitos práticos, foram eliminados. [...] Acreditamos que o povo russo [...] conquistou o direito de viver em uma democracia. [...] Aqueles que alegam que os russos não são maduros o bastante para a democracia insultam a dignidade nacional de nosso povo.

Além disso, um Estado democrático russo deveria buscar “pôr fim à degradação da civilização russa e criar condições sob as quais o povo russo e sua cultura e língua possam ser preservados e desenvolver-se sobre seu território histórico”.¹³ O manifesto do NAROD faz consistente uso da palavra *russkii* para “russo”, um termo com conotação cultural e étnica, em vez do conceito supraétnico *rossiiskii*.

À época ainda um membro do Iabloko, Navalny instou o partido a adotar as ideias básicas do NAROD, e foi expulso do partido. Navalny participou diversas vezes da anual “Marcha Russa”, que reúne milhares de manifestantes nas ruas de Moscou. “Se desconsiderarmos esses indivíduos isolados que gritam ‘*Sieg heil*’”, afirma Navalny, “as marchas refletem a verdadeira agenda de muitas pessoas”. Em 2013, Navalny se recusou a participar da marcha, temendo evidentemente que fosse fotografado perto de alguém fazendo a saudação nazista. Mesmo assim, ele encorajou outras “pessoas normais com inclinações conservadoras” a participar, argumentando que “os novos líderes nacionalistas Krylov, [Aleksandr] Belov, Tor e outros trabalharam duro para tornar possível que o nacionalismo político russo existisse em um formato europeu aceitável”.

A linhagem nacionalista da oposição russa tornou-se tão forte que alcançou até mesmo a isolada cela do mais conhecido prisioneiro político da Rússia, Mikhail Khodorkovsky. Em meados de 2012, o jornal liberal *Novaia Gazeta* publicou uma série de três artigos de Khodorkovsky sobre o “social-liberalismo”, o último dos quais focava no relacionamento entre “o nacional e o social-liberalismo”. Nele, Khodorkovsky argumentou contra a percepção comum de que liberalismo e nacionalismo são opostos: “O nacionalismo genuíno precisa

ser liberal. Um povo se torna uma nação quando liberdade se torna um de seus valores fundamentais”. O nacionalismo liberal reconhece que cada nação tem o direito a seu próprio Estado democrático. Nesse sentido, a Rússia é uma anomalia, de acordo com Khodorkovsky. Por quase um século, tanto durante quanto depois da URSS, os russos foram privados desse direito básico, que foi concedido a tantas outras nações menores, mesmo algumas de dentro do Estado russo supranacional. “De um ponto de vista liberal”, conclui Khodorkovsky, “a questão nacional é um dos temas fundamentais que pode e deve ser resolvido na Rússia atual”.¹⁴ Essa é uma posição facilmente defendida por Navalny, Milov e os *natsdemy* do NDP.

A anexação da Crimeia

Há três temas-chave no pensamento e objetivos dos *natsdemy* e dos *natsliby*: (1) *etnonacionalismo* — um foco nos interesses e necessidades daqueles de etnia russa; (2) *democracia* — um programa para introduzir uma democracia genuína na Rússia; e (3) *anti-Putinismo* — resultado natural dos dois primeiros já que, aos olhos dos novos nacionalistas, a trajetória política de Putin é tanto antidemocrática quanto direcionada contra os interesses das pessoas de etnia russa.

Mas e se os nacional-democratas da Rússia fossem forçados a escolher entre democracia e os interesses étnico-nacionais russos? Os eventos dramáticos na Ucrânia no inverno de 2013-14 e, em particular, a anexação russa da Crimeia, fornecem um *insight* sobre como os nacional-democratas responderiam a tal dilema. O Kremlin empregou uma nova retórica para justificar ao público russo a incursão e subsequente anexação da Crimeia. Tomando emprestado inúmeros pontos e frases diretamente do léxico étnico-nacionalista, Putin alegou em seu discurso na Assembleia Federal Russa no dia 18 de março que, com a dissolução da União Soviética, “o povo russo [havia] se tornado a maior nação dividida do mundo”.¹⁵ Por “povo russo”, claramente se

referia não ao “povo (multiétnico) da Rússia”, mas aos de “etnia russa” — onde quer que eles estivessem.

É verdade que também foram oferecidas justificativas baseadas na democracia para a “apropriação de terras” da Crimeia (nas palavras do vice-presidente dos EUA, Joe Biden) — por exemplo, ao dizer que o povo da Crimeia havia simplesmente exercido seu direito à autodeterminação por meio de um referendo. Obviamente, as circunstâncias por trás desse referendo, como a presença de milhares de soldados russos, foram altamente duvidosas. A pretensa desculpa para a anexação era, portanto, flagrantemente falsa.

Essa situação colocou os *natsdemy* e os *natsliby* diante de um dilema: deveriam endossar o ato surpresa de Putin, já que ele havia agora abraçado (pelo menos nas aparências) sua própria versão de nacionalismo? Ou deveriam continuar a rejeitar seu governo, já que ele claramente *não* havia se convertido para a democracia, a outra importante proposta de seus programas? Com base em artigos na Internet dos líderes dos quatro principais partidos nacional-democratas, postados entre fevereiro e março de 2014, bem como em comunicações pessoais com três deles, parece que os políticos opositoristas russos analisados aqui buscaram resolver o dilema de diferentes maneiras.¹⁶

O líder do partido Novo Poder, Valery Solovei, acredita que o Kremlin subestimou o grau até o qual a população ucraniana seria capaz de constituir uma nação política homogêna, 23 anos após a dissolução da União Soviética. Nem mesmo as pessoas de etnia russa da Ucrânia queriam que seu Estado se fragmentasse. Os protestos Euromaidan, entretanto, aumentaram significativamente a influência da direita radical e de elementos extremistas da política ucraniana, colocando em risco a frágil união da nação ucraniana. Foi essa a situação que Putin explorou em uma “audaciosa ação, beirando a verdadeira grandeza”, com sua campanha para reunir a Crimeia com a Rússia. Diz Solovei: “Sou um liberal, um democrata e um nacionalista. Rejeito o regime

de Putin. Mas sou um liberal, um democrata e nacionalista *russo*. [...] Para mim, o que aconteceu não é uma anexação, mas o retorno ao seio de nossa pátria de uma parte que havia sido arrancada”.

Solovei está convencido de que Putin pessoalmente não pensa em termos de categorias de Estado-nação. A situação das pessoas de etnia russa na Rússia é, na visão de Solovei, lamentável, e o regime de Putin certamente continuará a encarar os verdadeiros nacionalistas russos como seus inimigos. Mas, objetivamente falando, Putin não mais se esforça para reviver o império; em vez disso, está construindo um Estado-nação russo.¹⁷

O líder do NDP Konstantin Krylov compartilha parte das ideias de Solovei, mas tira conclusões diferentes. Como Solovei, Krylov está preocupado primeiramente com os direitos e interesses de todas as pessoas de etnia russa, e certamente aquelas na Crimeia e em outras partes da Ucrânia. Krylov também acredita que o Estado russo possui um indisputável direito histórico à Crimeia, e acredita que o princípio da “integridade territorial de Estados” não deve ser fetichizado. De fato, não apenas a Crimeia, mas também o leste e o sul da Ucrânia foram ilegalmente arrancados da Rússia sob a ditadura comunista.

Krylov não está preocupado com direitos do *Estado*, mas com os *interesses das pessoas de etnia russa*. Para os russos da Ucrânia, a reunificação com a Rússia — ou “*Anschluss*”, como ele se refere a ela — dificilmente será uma bênção.¹⁸ Resgatá-los do perigo de “ucranificação” apenas os moverá da panela para a chama — para o cativeiro do regime terrorista de Moscou. Krylov acredita que a Rússia estava “totalmente justificada” em mobilizar tropas para a Crimeia como parte de um esforço humanitário para proteger os russos que vivem lá da ucranificação, mas não para facilitar a anexação. “A captura do território de outro Estado por meios militares não é apenas amoral, mas também sem sentido do ponto de vista da *Realpolitik*”.

Além disso, argumenta Krylov, se a intervenção militar na Crimeia fosse justificada pela necessidade de proteger as pessoas de etnia russa, então seria ainda *mais* justificado o envio de tropas para pôr fim à “desrussificação” que atualmente ocorre *dentro* da Rússia. A solução ideal para a Crimeia teria sido a de conceder a ela o status de unidade autônoma dentro da Ucrânia, com um autogoverno genuíno.

No fim de fevereiro de 2014, o líder da Aliança Popular, Alexei Navalny, foi sentenciado à prisão domiciliar e impedido de usar a Internet. Tem sido portanto incapaz de comunicar seus pensamentos a respeito da crise na Crimeia, mas seus amigos os têm transmitido ao público. Navalny assumiu uma posição inequívoca contra a anexação da Crimeia. É verdade que ele aceita que a transferência da península da RSFSR para a Ucrânia sob o governo de Nikita Khrushchov em 1954 tenha sido arbitrária e ilegal, mas na Europa de hoje mudanças unilaterais de fronteira por via militar são inaceitáveis. Além disso, como a Rússia condenou veementemente a intervenção militar ocidental durante a Guerra do Kosovo, deve abster-se de cometer atos similares.¹⁹ Em Budapeste em 1994, a Rússia concordou em respeitar a integridade territorial da Ucrânia quando esta concordara em abandonar suas armas nucleares. Na visão de Navalny, “a Rússia deu sua palavra, isso deveria ter algum valor”.

A justificativa russa oficial para a anexação — de que os direitos dos russos na Crimeia estavam sob ameaça — é simplesmente “uma lorota e uma provocação arquitetadas no Kremlin”. Afinal, a língua russa predomina na península. Se as autoridades russas estivessem genuinamente preocupadas com a situação dos russos nas vizinhanças, teriam agido quando centenas de milhares de russos foram expulsos do Uzbequistão e Tajiquistão nos anos 1990. Não o fizeram. Por fim, a anexação da Crimeia também é contrária aos interesses do Estado russo. A economia russa sofrerá, e será muito mais difícil argumentar contra a secessão de subdivisões da Federação Russa. O episódio da Crimeia como um todo é, portanto, “um enorme erro estratégico”.

O líder do DV, Vladimir Milov, ecoa muitos dos argumentos de Navalny. Milov havia previamente servido como vice-ministro de Energia e, portanto, fala com alguma autoridade quando afirma que a anexação da Crimeia resultará em um grande dreno para o orçamento do Estado russo. Como Navalny, Milov também acredita que a Rússia deveria honrar sua promessa de 1994 de respeitar o território ucraniano. Milov também acredita que a ucranificação não estava ocorrendo na Crimeia. “Na verdade, em nossas próprias repúblicas islâmicas, a desrussificação vem acontecendo a uma taxa muito mais acelerada”. Mesmo que a Ucrânia não seja formalmente uma federação, para todos os fins práticos tem funcionado como tal, afirma Milov. Por muito tempo, cada região tem tido vida própria. E embora as pessoas do leste da Ucrânia possam simpatizar com a Rússia e não gostar dos nacionalistas do oeste da Ucrânia, “isso não significa de maneira alguma que desejem ardentemente ser espezzinhos pela ditadura de Putin”.²⁰

Milov reconhece que na última década os ultranacionalistas ucranianos aumentaram consideravelmente sua influência na política do país. Houve um tempo em que partidos como o Svoboda obtinha menos de 1% dos votos; agora o partido possui vários ministros no governo.

Mas consideremos o que aconteceu na Ucrânia durante aquele período. Desde 2004, seu vizinho ao leste tem se intrometido em seus assuntos internos em um grau sem precedente. De maneira agressiva, esse vizinho tentou vender à Ucrânia seus candidatos preferidos nas eleições presidenciais; começou uma “guerra do gás” contra ele; tentou ativamente tirar a Ucrânia do caminho da integração europeia; e por todos os meios tentou arrastá-la para o “clube da Eurásia” de ditaduras.

Milov entende que, para a Rússia, o Euromaidan era simplesmente um caso de galinhas voltando para o poleiro.

Os quatro líderes nacional-democratas cujas declarações foram analisadas aqui abordaram o assunto espinhoso da questão da Crimeia

de ângulos um tanto diferentes. Solovei e Krylov argumentam explícita e consistentemente em termos de interesses étnicos, enquanto Navalny e Milov estão muito mais preocupados com direitos democráticos, obrigações legais e consequências políticas. Ainda assim, Krylov não se desviou de sua posição anti-Putin. Apenas Solovei parece ter sido atraído pela euforia patriótica geral pela qual a Rússia está atualmente tomada. Isso é bastante impressionante em uma atmosfera na qual há uma enorme pressão de união em torno da bandeira russa. Embora 443 dos 450 deputados da Duma Federal tenham votado a favor da anexação da Crimeia, a oposição nacional-democrata extra-parlamentar na Rússia, na maior parte das vezes, simplesmente não mordeu a isca étnica de Putin.

Ainda assim, a crise da Crimeia revelou uma clara cisão dentro da oposição nacional-democrata, que segue basicamente a divisão entre aqueles a quem me referi como *natsdemy* e *natsliby*, respectivamente. Vladimir Milov escreveu que uma “divisão severa” está emergindo “dentro da comunidade nacional-democrata sobre a questão da Ucrânia/Crimeia”. De um lado estão aqueles que acreditam que “os nacional-democratas deveriam fazer dos interesses nacionais das pessoas de etnia russa [...] a prioridade máxima”. Em outras palavras, “o que é bom para aqueles de etnia russa é bom para todos, e nada mais importa”. Do outro lado estão aqueles que acreditam “que algumas nações são nossas aliadas e dão às pessoas de etnia russa um espaço confortável para viver apesar de algumas inconveniências [...]. Esses países deveriam ser tratados como ‘espaços amigáveis aos russos’ nos quais, obviamente, está incluída a Ucrânia e o Ocidente de maneira geral, onde russos vivem de confortavelmente”.²¹

Milov atribui a primeira posição a Konstantin Krylov e os *natsdemy*; a segunda posição reflete sua própria visão. Parece, portanto, que os dois afluentes que corriam juntos para formar o movimento nacional-democrata podem agora, como resultado da crise na Crimeia, encontrar seus próprios leitos novamente.

Notas

Esse ensaio foi produzido a partir de “Nation-Building and Nationalism in Today’s Russia (NEORUSS)” [Construção de Estados e nacionalismo na Rússia atual], um projeto de pesquisa (n. 220599) financiado pelo Conselho de Pesquisa da Noruega.

1. Ver Marlène Laruelle, “Alexei Navalny and Challenges in Reconciling ‘Nationalism’ and ‘Liberalism’”, *Post-Soviet Affairs*, 30(4), janeiro de 2014.

2. *Slovo natsii*, reproduzido em *Voprosy natsionalizma*, n. 6 (2011), pp. 223–35. O título também pode ser traduzido como “A nação fala”. Posteriormente foi revelado que o autor era Anatolii Ivanov-Skuratov.

3. Aleksandr Soljenitsin, “A World Split Apart”, em seu *East and West* (Nova York: Harper and Row, 1978), p. 49; Soljenitsyn, “Misconceptions About Russia Are a Threat to America”, *Foreign Affairs*, 58(4), Spring 1980, p. 828.

4. Marlène Laruelle, *Russian Eurasianism: An Ideology of Empire* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008).

5. O conceito relacionado de “povo” (*narod*) era usado às vezes em um sentido étnico, e outras vezes em sentido cívico.

6. V. A. Tishkov, *Rossiiskii narod* [O povo russo] (Moscou: Prosveshchenie, 2010); V. A. Tishkov (Ed.), *Rossiiskaia natsiia, Stanovlenie i etnokulturnoe mnogoobrazie* [A nação russa: Sua origem e diversidade étnico-cultural] (Moscou: Nauka, 2011); entrevista do autor, Moscou, novembro de 2013.

7. Aleksandr Sevastianov, *Natsional-demokratiia, ili, novyi realizm* [Nacional-democracia, ou o novo realismo], Moscou, 1996.

8. Aleksandr Sevastianov, *Russkii natsionalism: ego druzia i vragi* [Nacionalismo russo: Seus aliados e inimigos] (Moscou: Russkaia pravda, 2008), p. 20.

9. Daqui em diante, todas as referências a declarações de líderes políticos listadas aqui vêm dessas entrevistas, a menos que especificado de outra forma.

10. Sergei Sergeev, *Prishestvie natsii?* [A nação está vindo?] (Moscou: Skimen, 2010); Aleksandr Khramov, *Katekhizis natsional-demokrata* [Um catecismo da nacional-democracia] (Moscou: Skimen', 2011); Tatiana Solovei e Valerii Solovei, *Ne sostaiavshaiasia revoliutsiia* [A revolução que nunca aconteceu] (Moscou: ACT Astrel', 2011).

11. Ver Michael Billig, *Banal Nationalism* (Londres: Sage, 1995), e Bernard Yack, "The Myth of the Civic Nation" in Ronald Beiner (Ed.), *Theorizing Nationalism* (Albany [EUA]: SUNY Press, 1999). Ver também Sergeev, *Prishestvie natsii?*

12. Vladimir Milov, "Otvét Sergeyu Aleksashenko po voprosu natsionalizma" [Resposta a Sergei Aleksashenko sobre nacionalismo], <http://v-milov.livejournal.com/361263.html>

13. Ver <http://www.apn.ru/opinions/print17321.htm>

14. Mikhail Khodorkovsky, "Mezhdu imperiei i natsional'nyim gosudarstvom" [Entre o império e o Estado-nação], *Novaia Gazeta*, 14 de julho de 2012, <http://www.novayagazeta.ru/politics/53088.html>

15. Vladimir Putin, "Obrashhenie Prezidenta Rossiiskoi Federatsii" [Um discurso do presidente da Federação Russa], <http://news.kremlin.ru/news/20603>, 18 de março de 2014.

16. Consultei um grande número de documentos frequentemente pequenos para essa seção. Seria impossível fazer referência a cada um deles individualmente, então incluí uma referência cada para Krylov, Milov, Navalny e Solovei. Nem tudo o que escrevi sobre eles foi pego desses textos; de fato, minhas fontes são pelo menos três a quatro vezes mais numerosas do que aquelas listadas aqui. Também troquei correspondência pessoal com Krylov, Milov e Solovei.

17. Valerii Solovei, "Natsiia, ne imperiia" [Nação, não império], <http://novayasila.org/lenta/news602>, 18 de março de 2014.

18. Konstantin Krylov, "O pozitsii po ukrainskomu voprosu" [(Minha) posição sobre a questão ucraniana], *Russkii obozrevatel'*, 4 de março de 2014, <http://www.rus-obr.ru/blog/29883>

19. Stanislav Eliseev, "Navalny: Martovskie tezisy, ili razviornutaia pozitsiia po Ukraine i Krymu" [Navalny: Suas teses de março, ou uma longa apresentação de

sua posição sobre Ucrânia e Crimeia], <http://slon.ru/fast/russia/navalnyy-martovskie-tezisy-ili-razvernutaya-pozitsiya-po-ukraine-i-krymu-1069397.html>, 12 de março de 2014.

20. Vladimir Milov, “Ukraina: pochemu tak poluchilos i v chem uroki dlia Rossii” [Ucrânia: por que isso aconteceu e quais as lições para a Rússia], http://slon.ru/world/milov_pro_ukrainu_-1060888.html, 24 de fevereiro de 2014.

21. Comunicação pessoal, 20 de março de 2014.



Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação IFHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Conjuntamente com vinte e um centros de pesquisas associados, localizados em onze países da América Latina, realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:

Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesAmericaLatina.aspx>

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesBrasilAmericaSul.aspx>

Meios de comunicação e Democracia:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesPlataforma.aspx#MediosComunicacion>

http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Poder_politico_e_meios.pdf

Sociedade civil e democracia:

http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Usos_abusos_e_desafios_da_sociedade_civil_na_America_Latina.pdf

Biblioteca virtual:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/BuscaPublicacoes.aspx>

Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:

<http://plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesPlataforma.aspx#RecursosPesquisa>